

Experiência e construção de si: contribuições da pesquisa (auto)biográfica para a formação de professores

Experience and self-construction: (auto)biographical research
contributions for teachers' training

*Experiencia y construcción de si mismo: contribuciones de la
investigación (auto)biografica para la formación de profesores*

Vera Lúcia Chalegre de Freitas – Universidade de Pernambuco

Maria Helena Menna Barreto Abrahão – Universidade Federal de Pelotas

RESUMO

Este artigo objetiva abordar o significado da palavra experiência em pesquisa (auto)biográfica, voltada à formação de professores, com base em leitura cruzada de textos de três autores. Partimos do pressuposto de que entender referências teóricas que sustentam o conceito de experiência é basilar para as contribuições quanto à formação da pessoa como construção de si mediante o autoconhecimento. Esse conceito foi por nós entendido no veio de pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa (auto)biográfica, segundo leituras a respeito de experiência que têm eco na epistemologia de Larrosa, Delory-Momberger e Josso. Concluímos, tentando estabelecer um diálogo pela aproximação do pensamento desses três autores, que experiência na construção de si é produto/produtora da reflexão (auto)biográfica com foco na compreensão de sentido da existência singular-plural do sujeito histórico da educação”.

Palavras-chave: pesquisa (auto)biográfica; formação de professores; narrativas de formação; construção experiencial de si.

ABSTRACT

This article aims to approach the meaning of the word experience in (auto) biographical research, focused on teacher training, and based on cross-reading texts of three authors. We start on assuming that understanding the theoretical references that support the concept of experience is fundamental for the contributions in person's education to construct oneself through self-knowledge. We understood this concept under theoretical and methodological assumptions of (Auto)Biographical Research according to readings regarding experience, which have echo in the epistemology of Larrosa, Delory-Momberger and Josso. We conclude, trying to establish a cross dialogue approaching the thought of these three authors, that experience in building of oneself is product/producer of (auto)biographical reflection focusing on the understanding of the meaning of singular-plural existence of the historical subject of education.

Keywords: (auto)biographical research; teachers' training; training narratives; oneself experiential construction.

RESUMEN

En este artículo se pretende abordar el significado de la palabra experiencia en la investigación (auto)biográfica, centrado en la formación de profesores y basado en la lectura cruzada de textos de tres autores. Asumimos que entender las referencias teóricas que sustentan el concepto de experiencia es fundamental para las contribuciones para la formación de la persona como construcción de sí mismo a través del auto-conocimiento del sujeto de la formación. Este concepto se ha entendido en vino de supuestos teóricos y metodológicos de la investigación (auto)biográfica, de acuerdo con las lecturas sobre la experiencia en la epistemología de Larrosa, Delory-Momberger y Josso. Concluimos, tratando de establecer un diálogo por el enfoque del pensamiento de estos tres autores, que la experiencia en la construcción de sí mismo es el producto/productor de reflexión (auto)biográfica centrada en la comprensión del significado de la existencia singular-plural del sujeto histórico de la educación.

Palabras-clave: investigación (auto)biográfica; formación de profesores; narrativas de formación; construcción experiencial de sí mismo.

Introduzindo com um convite para pensar o sentido formativo de experiência

“[...] tenho a impressão de que a palavra experiência ou, melhor ainda, o par experiência/sentido permite pensar a educação desde outro ponto de vista, de outra maneira” (p. 21). Larrosa

“A experiência é apreendida em uma história e é nessa configuração narrativa da experiência que acontece a sua transmissão e apropriação” (p. 47). Delory-Momberger

“As referências que servem para pensar e construir significados às experiências contadas são identificáveis mediante registro de expressão da narrativa e da linguagem utilizada” (p. 68). Josso

Iniciar este artigo com epígrafes tem uma intencionalidade: convidar o leitor para dialogar com o que na literatura científica se entende por experiência, em especial a auferida no seio de processos narrativos de formação, em cursos de formação de professores na universidade, mediante mediação e construção de experiência, no sentido da formação do sujeito da narratividade (auto)biográfica.

Com o objetivo de abordar o significado de experiência, em pesquisa (auto)biográfica, vamos delimitar nosso olhar e nossa reflexão em leitura cruzada de textos de três autores, partindo do pressuposto de que entender referências teóricas que sustentam o conceito de experiência é basilar para as contribuições na formação da pessoa como construção de si pelo autoconhecimento do sujeito da formação. Buscar na literatura referências quanto à construção e sentidos dados à experiência e, com essa produção, tentar um diálogo com diversos autores, poderia ser uma

assertiva na elaboração deste texto. No entanto, em face dos limites de espaço de um artigo, optamos por focar, nesse diálogo, a concepção de experiência em Larrosa (2004); Delory-Momberger (2016) e Josso (2016)¹.

A palavra experiência é entendida em uma abordagem (auto)biográfica, no veio teórico-metodológico da formação, desde que pode remeter à busca de sentido ao educativo fazendo com ela par dialético, conforme Larrosa admite, se pensarmos a educação de modo diferenciado, certamente preocupada com a formação humana.

Experiência não nos é dada *a priori*, é construída no processo formativo em que a reflexão exercida no seio das narrativas de vivências formam constructos experienciais compreensivos, como tratado por Delory-Momberger, já que falar da construção da experiência é falar sobre o que está no “coração da pesquisa biográfica e do processo de biografização” (p.40). É poder dizer do que cada um de nós se apropria do que vivemos, sentimos, conhecemos e fazemos de nossas vivências. Destaque é dado pelo que nós “biografamos” das situações e dos acontecimentos da nossa existência, podendo dar formato e significados para que as vivências se tornem processos experienciais.

A experiência, assim enunciada, portanto, perpassa o vivido, mas dele vai além, ou seja, resulta da reflexão do sujeito da formação sobre as próprias vivências e de compreendê-las de forma a que sejam formadoras no sentido da construção de uma identidade existencial, como, igualmente, acentuado por Josso, ao explicitar que nesse movimento podem emergir novos e diferenciados significados de viver, de ser e de estar no mundo, “uma invenção de si em novas perspectivas e em novas formas[...]” (p. 84).

Olhares sobre experiência: contributos para processos de formação em pesquisa (auto)biográfica

1 Para fins deste artigo, não obstante vimos trabalhando com o conjunto da obra desses autores, tratamos exclusivamente dos três textos aqui indicados e tão somente a eles fazemos referência ao longo do presente texto, quer direta, quer indiretamente, inclusive nas citações das epígrafes, razão pela qual, no interior do texto, omitimos as datas e registramos tão somente as páginas em que se encontram citações na íntegra, quer em parte, quer na totalidade. As citações de Larrosa são de tradução nossa. Ademais, esses textos são referenciados *in totum* nas REFERÊNCIAS, como usual.

A multiplicidade de olhares para que a experiência relativa à história de vida pessoal e profissional de professores seja vivenciada e construída como referencial teórico reluz em dimensões de aprendizagens formativas. Logo, essa formação pode ser entendida relacionada à maneira com que educadores e educandos vivenciam/pensam a experiência.

Larrosa nos chama a atenção quanto ao que a palavra experiência nos permite pensar, dizer e fazer no campo pedagógico. Acredita que é necessário, no campo da educação, explorar a palavra experiência e com ela “fazer som” de outro modo daquele até o momento empregado. O autor sugere que ao pensar o significado de experiência quanto a essa sonoridade é necessário que se tenha em vista algumas precauções que o autor enuncia em seis quesitos.

A primeira precaução é o cuidado que se deve ter quanto a diferenciar experiência de experimento. Nesse sentido, é fundamental “descontaminar” as conotações dadas às experiências empíricas e experimentais.

A segunda precaução refere-se ao dogmatismo quanto ao entendimento do que signifique experiência, isto é, toda “pretensão de autoridade”. Assim, o referido autor nos chama a atenção quanto à forma de a experiência ser entendida como autoridade quanto ao que deveríamos pensar, dizer, fazer. As reflexões se voltam para pensarmos que a experiência não pode ser puramente transmissiva e comungamos com o referido autor, em realce: “[...] ninguém deve aceitar dogmaticamente a experiência do outro e ninguém pode impor autoritariamente a experiência ao outro” (p.23).

A terceira precaução volta-se para o entendimento da diferença entre a experiência do ponto de vista da pessoa e não desde a paixão pela experiência, em abstrato. Tal pretensão seria separar experiência de prática. Isto compreende pensar que o sujeito deve refletir sobre si mesmo, ou seja, sobre a própria prática vivencial. Se o sentido da experiência é pessoal deve-se entender que o sujeito da formação é um ser “passional, receptivo, aberto e exposto” (p. 24).

Assim não há como pensar a experiência somente na condição de ativa e nem tampouco na de passiva, inativa. Em verdade, “a paixão pela experiência” se desprende de uma epistemologia e de uma ética em virtude de que, na concepção de Larrosa, é possível incluir, na palavra experiência, outras dimensões como a política e, seguramente, a pedagógica.

Acreditamos que o autor não esgota essas possibilidades, razão pela qual poderíamos pensar em outras perspectivas como, por exemplo, uma dimensão ecopsicossocial que é abordada como um “termo que remete à dimensão psicossocial, porém mais ampla, pois enraizada nas condições econômicas, políticas, sociais e naturais do campo (ambiente) representacional” (FREITAS, 2008, p.23). Nesse sentido, em nosso entender, a pesquisa (auto)biográfica contribui sobremaneira no campo educacional quanto à reflexividade na construção de uma

história de vida ou de um memorial de formação, mediante narrativas autobiográficas que propiciem o sujeito a pensar sobre si mesmo e sobre sua relação com o outro, com o ambiente que o cerca e, inclusive, sobre sua relação com o cosmo.

A quarta precaução é evitar fazer da experiência um conceito e, sim, pensar experiência como existência, como vida. O autor argumenta que “a experiência é o modo de habitar o mundo de um ser que existe, de um ser que não tem outro ser, outra essência, que sua própria existência: corporal, finita, encarnada, no tempo e no espaço, com outros” (p. 25). Experiência é, para Larrosa a própria existência; algo inerente à vida. Assim, não se pode simplesmente conceitualizá-la *a priori*, tendo em vista que não aceita determinações, porque ela própria significa criação, invenção, acontecimento. Afirma, ele, que “os conceitos determinam o real e as palavras abrem para o real” (p. 25). Por isso, cremos, o autor usa o termo palavra sempre ao referir-se a respeito de experiência. Desse modo, entende que a experiência é o que é, com significados diferentes para cada pessoa, em cada tempo e em cada lugar; não se define, portanto, por sua determinação, mas por uma indeterminação.

A quinta precaução consiste no fato de se fazer da experiência um fetiche, algo sobrenatural e, o que seria pior, um imperativo. Partindo de exemplos que em outras épocas imputavam-se às pessoas determinações pedagógicas, psicológicas, filosóficas e antropológicas, o autor nos desafia questionando se, atualmente, as determinações nos obrigam a, necessariamente, buscar a experiência a qualquer preço, simplesmente face às imposições da sociedade postas por modismos eventuais.

A sexta precaução se volta para intentar tratar da palavra experiência com um sentido preciso, e isto para evitar que tudo se converta em experiência, tornando-a neutralizada, desativada. Há um entendimento despido do sentido de imperativo para que a dimensão experiencial realmente possa “ajudar a dizer, a pensar e a fazer no campo pedagógico [...]” (p. 27).

Entendemos que esse cuidado do autor quanto ao entendimento crítico do que a palavra experiência signifique nos remete a pensá-la “vista de outra forma”, como na epígrafe. Em nossa leitura, uma nova forma que a compreenda como dimensão valiosa da construção do sujeito – da construção de si – especialmente se auferida no seio de processos reflexivos mediante práticas educativas com narrativas de formação, um dos veios teóricos e metodológicos da pesquisa (auto)biográfica em educação.

Essa valorização da experiência tem sido trabalhada por Delory-Momberger com destaque em quatro aspectos, a seguir referidos.

O primeiro aspecto é voltado para as aprendizagens na academia adquiridas pela dimensão teórico-prática nos processos construtivos que reconhecem a prática pela experiência.

O segundo aspecto é pensado sob uma dimensão clínica que se volta para uma relação pessoa-pessoa, e, portanto, “do mundo da experiência para o universo da experiência”, isto porque, mesmo que se tenha usado dispositivos e equipamentos técnicos, existe a relação do formador e do formado (p. 40).

O terceiro aspecto reconhece a experiência como dimensão que se constrói no processo de aprendizagem e de desenvolvimento em que as pessoas criam seus próprios recursos e aprendem a usá-los em situações necessárias à formação, propiciando autonomia ao sujeito da formação.

O quarto aspecto valoriza a experiência na acepção de movimento de subjetividade e de vivências no sentido da compreensão da própria existência pelo sujeito da formação e construção de uma imagem que a ele oportunize o entendimento de ser ele mesmo.

Esses aspectos relacionados à experiência coadunam-se, em nosso entender, com o que Josso quer evidenciar ao tratar da mediação em pesquisa quando do uso das narrativas de vida, reconhecendo que essa mediação propicia um espaço de exigência metodológica de como “pensar as facetas existenciais e de identidade a partir de uma abordagem multirreferencial”, integradora dos “diferentes registros do pensar humano” bem como das “diferentes dimensões do nosso ser no mundo” (p. 61-62).

Também Josso elenca o que denomina de categorias experienciais atinentes às aprendizagens e aos conhecimentos acumulados pelo sujeito da formação, como, a seguir, são relacionadas (p. 67-68):

- aprendizagens existenciais são constitutivas de autoconhecimento como ser psicossomático nas nossas dimensões do ser no mundo, nos registros de expressão e nossas competências genéricas transversais particulares;
- aprendizagens instrumentais reúnem os processos e procedimentos em todas as áreas da vida prática, em uma determinada cultura e em um momento histórico específico;
- aprendizagens relacionais resultam em aquisições de comportamento, de estratégias de troca e de comunicação com os outros, de saber-ser em ligação consigo mesmo, com os outros e com o mundo;
- aprendizagens reflexivas permitem a construção do saber pensar nas referências explicativas e compreensivas.

Essas categorias, como as denomina Josso, são dimensões constitutivas do Paradigma do Singular-Plural, bem como do Paradigma do Experiencial, por ela formulados, que têm como corolário o projeto formativo da invenção de si que cruza a dimensão da existencialidade do sujeito com a construção da própria *identidade*

peçoal *para si* em tensão com a *identidade* que possa construir *para os outros* que, segundo a autora, pode exprimir-se em uma *consciência de ser*, ativa ou passiva.

Biografização, singularidade e existencialidade singular/plural: contribuições para a formação do sujeito da experiência

Delory-Momberger acredita que o entendimento de níveis de experiência é propulsor para esclarecer como ocorre o “processo de construção da experiência” e destaca que este se constrói segundo: “a maneira pela qual metabolizamos a experiência vivida, a experiência imediata, em experiência adquirida, e pela qual construímos de forma acumulada nossas fontes experienciais” (p.43)².

A construção da experiência configura-se, assim, como um processo de “fluxo contínuo de novas experiências” que tomam corpo quando se trata de conhecimento acumulado.

A esse respeito Delory-Momberger assinala que o “estoque de conhecimentos disponíveis não fica idêntico a si mesmo [...] que, modificando a extensão e a estrutura, buscam uma configuração variada” (p. 44). Como possibilidade formadora no âmbito desse processo, enfatiza que “O sujeito tem por consequência sua própria história, articulada com a biografia e com a sucessão e a singularidade das experiências diretas ou mediadas dos percursos individuais”, o que responde por um conhecimento experiencial singular acumulado constituinte, segundo a autora, da “biografia da experiência” do sujeito (p. 44).

Se há situações que se constituem como experiência poder-se-ia pensar, como contraponto, em situações que não se constituem como tal. Isto ocorre quando as situações vivenciadas não encontram lugar em nossa biografia da experiência, como casos de situações que ocorrem precocemente, ou seja, como lembra Delory-Momberger, na infância ou adolescência, ou, mesmo, em relação a eventos dramáticos, como acidentes, lutos, que “excedem, temporariamente ou permanentemente, nossa capacidade de integração biográfica”. (p. 45). Poderíamos dizer, por conseguinte, que este seria um fenómeno decorrente de uma zona oculta, resultante de a pessoa não se lembrar de fatos vividos, ou, mesmo, não querer falar deles, em virtude de dores vividas ou, por outro lado, de grandes alegrias que só a ela pertencem, o que pode ocorrer consciente ou inconscientemente.

Em decorrência, Delory-Momberger nos introduz ao constructo *biografização*, por ela cunhado, como “o conjunto de operações e de comportamentos pelos quais os indivíduos trabalham para darem-se uma *forma própria*³ em que se reconhecem e são reconhecidos pelos outros.” (p. 42). Destaca que a narrativa de si, a narrativa

² Grifo da autora.

³ Grifo da autora.

(auto)biográfica, é um processo formativo privilegiado dessas “operações de biografização” porque permite um diálogo interior da pessoa consigo mesma e com os outros.

Essa autora comenta (p.41-43) como desenvolve as experiências de formação em pesquisa narrativa com os alunos nos cursos e seminários que realiza tendo em vista que vivenciem o processo de biografarem-se cujo produto, oral ou escrito, mercê da reflexividade inerente a esse processo, tende a significar experiência de biografização.

Inicialmente, solicita aos atores envolvidos que descrevam situações que circunscrevam aspectos sociais, institucionais, culturais em espaçotempo, bem como das funcionalidades, finalidades, papéis e relações sociais a elas inerente. Delory-Momberger chama a atenção sobre a forma como a biografização pode emergir em termos mentais e operacionais, e, inclusive, pôr em evidência um olhar voltado para o próprio corpo, como: “postura corporal, roupas, enfeites, modos de ser e agir”, refletindo, segundo uma história singular, um tempo e lugar vividos, constituintes de uma trama e de um sentimento da “*própria* existência”⁴ (p. 4243).

Em seguida, faz um convite às reflexões individuais e coletivas. Alguns questionamentos são levantados quanto: essas situações são comuns aos participantes? Nós as compartilhamos? A autora entende que mesmo se compartilharmos dessa mesma situação do ponto de vista sociológico, em uma dimensão coletiva sob o aspecto “social, institucional, cultural”, certamente do ponto de vista individual essa situação será singular para cada pessoa (p. 41). É dessa individualidade da pessoa, dessa singularidade que, mesmo inserida em uma comunidade, é única, para a qual a autora nos chama a atenção sobre as elaborações de experiência dos sujeitos da narrativa (auto)biográfica que, ao relatarem sobre o que vivem, caminham para o “sentir-se em casa de si mesmo”⁵ (p. 43).

Em razão desse entendimento, Delory-Momberger nos ensina que a singularidade “somente pode ser compreendida mediante a lógica interna, biográfica, das nossas experiências anteriores e da maneira como elas configuram nossa compreensão do presente e do futuro” (p. 45).

As dimensões da existencialidade singular-plural do ser humano ancoram-se, para Josso, em uma epistemologia existencial desde uma perspectiva autobiográfica sustentada no âmbito do Paradigma do Singular-Plural e do Paradigma do Experiencial, por ela construídos, como já referido.

Referindo-se à história de vida, no âmbito do autobiográfico, a referida autora esclarece que esta se constitui como prática de reflexão de si, possibilitando “uma mediação de autoconhecimento na existencialidade, que oferece ao seu autor uma

⁴ Grifo da autora.

⁵ Grifo da autora.

reflexão sobre as oportunidades de tomadas de consciência sobre as suas diferentes formas de expressão e autorrepresentações, bem como sobre as dinâmicas que orientam a formação” (p. 66).

Na esteira dessas considerações, Josso constrói a teoria da Existencialidade Singular-Plural Evolutiva como movimento do que chama de *descoberta da identidade epistemológica do sujeito da formação* em busca da compreensão, por ele, da própria existencialidade como fenômeno em evolução, no meio sociocultural, em comunidade. Nesse movimento podem emergir novos e diferenciados significados de viver, de ser e de estar no mundo, “uma invenção de si [desse sujeito da formação] em novas perspectivas e em novas formas[...]”. (p. 84).

Essa teoria, uma vertente dos paradigmas anteriormente citados, enseja que a autora nos apresente uma síntese desse ser em toda sua complexidade, como um ser de globalidade, em cuja centralidade dimensiona o que denomina de *ser de carne*, habitáculo como parte constituinte das demais dimensões, de forma integrada, integradora e dinâmica desse: *ser de atenção consciente, ser de sensibilidade, ser de afetividade, ser de emoções, ser de cognição, ser de imaginação, ser de ação corporal* (p.71-86).

Foge ao objetivo deste artigo nos determos na descrição e análise da teoria com base na qual vimos trabalhando de longa data com constructos da teoria jossoniana no seminário de pesquisa-formação que desenvolvemos na universidade tendo por base essa teoria. Em escrito recente (ABRAHÃO, 2016) descrevemos a teoria em seu acontecendo no seminário e dela fazemos uma análise fundamentada mediante o método da Compreensão Cênica, de Marinas (2007), em que pudemos, mais uma vez, perceber o desenvolvimento da teoria em movimento, como vivenciada e significada por mestrands, doutorands e, em momentos distintos, por alunos da graduação em Educação.

Desejamos, no entanto, registrar que entendemos, ao lembrar da vasta obra da autora, que no texto por nós trabalhado no presente artigo, Josso arremata, unifica, tanto o Paradigma do Singular Plural, como o Paradigma do Experiencial e a teoria, deles decorrente, da Existencialidade Singular-Plural Evolutiva, todos hauridos de um esforço hermenêutico da autora com os paradigmas que formulou, os estudos que desenvolve e as práticas de formação que realiza.

Dentre essas práticas, são conhecidas do mundo acadêmico as práticas de formação que essa autora vem realizando com adultos na Universidade de Genebra e em outras universidades europeias e, também, no Brasil, como o Seminário de Pesquisa-Formação por ela dimensionado. No texto em tela, diferentemente de Delory-Momberger no texto anteriormente analisado, Josso não se dedica a descrever os passos do seminário, como o faz em conhecidas obras anteriores, mas

neles ancora análises que alimentaram a teoria desenvolvida nessas práticas, o que fica evidenciado pelo que sobre isso escreve à p. 66:

Assim, o estudo dos processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem para a elaboração de um conceito de formação experiencial, ao qual eu contribuí juntamente com a minha equipe de Genebra e do movimento internacional de histórias de vida em formação, efetua-se a partir da construção da narrativa da história de formação, por meio de narrativas das experiências que o autor-ator aprendeu por meio de sua maneira de fazer escolhas, de se situar entre os seus membros e de definir seus interesses, suas valorizações e aspirações. Assim, a existencialidade se aproxima de uma trama original - bastante singular - no centro de uma humanidade compartilhada. É por isso que, na nossa pesquisa com as narrativas de formação, uso frequentemente a expressão nossa existência singular-plural⁶.

É dessa original trama da narrativa e experiência existencial que, em nossa compreensão, se abstrai o elemento fundante do que se pode entender por uma teoria da formação humana experiencial. Esse elemento é clarificado pelas dimensões conceituais que procuramos cruzar da leitura e estudo dos três textos em tela, como tentamos arrematar no próximo item.

Considerações em olhares cruzados

A ideia de cruzar nosso olhar para conceitos de experiência contidos em textos dos três autores abordados no presente artigo – embora não esgotado de nossa parte – nos pareceu frutífera, visto entendermos que, nesse esforço, foi possível evidenciar antes do que diferenças teóricas e metodológicas irreconciliáveis, promissoras aproximações que nos auxiliam a uma compreensão mais orgânica do que possa significar, para o sujeito da formação e para formadores⁷, práticas vivenciais voltadas para o desiderato de, em processos formativos – no caso, relativo à formação de professores no seio de seminários fundamentados em Josso ou em Delory-Momberger, portanto no seio de um coletivo⁸ – ousarmos pensar em esforço pessoal consciente de busca de compreensão e significação do vivido.

⁶ Grifos da autora.

⁷ Eles que igualmente se formam nesse processo, desde que entendemos a formação pessoal/profissional como sendo contínua.

⁸ Geralmente, realizadas como práticas reflexivas no âmbito de um grupo de estudo e pesquisa, tal como o Ateliê Biográfico de Projeto, como o idealizou e desenvolve Delory-Momberger; tal como o Seminário de Pesquisa-Formação, como o idealizou e desenvolve Josso. No Brasil, desenvolvemos, em Programas de Pós-graduação em Educação (PUCRS e UFPel), o Seminário de Investigação-Formação, com base em Josso (Abrahão, 2008;2016).

Entendemos que na dicção de Larrosa a respeito das seis precauções que se deve ter em relação à compreensão do que seja experiência no campo da educação está presente também o significado contrário, isto é, dialeticamente, a significação eivada de entendimento (e práticas) experienciais não formativos tem, em seu contrário, a negação dessas práticas e a assunção de práticas assentadas em uma epistemologia do primado da formação integral da pessoa. Larrosa (p.23) entende, nada diferente de Delory-Momberger e de Josso, que primeiramente é necessário “dignificar a experiência, reivindicar a experiência, e isso supõe dignificar e reivindicar tudo o que tanto a filosofia como a ciência tradicionalmente menosprezam e rechaçam: a subjetividade, a incerteza, a provisoriedade, o corpo, a finitude da vida...”.

Esse movimento de dignificar e reivindicar a experiência, nos parece, encontra guarida e sustentação na teoria da Existencialidade Singular-Plural Evolutiva, de Josso (p. 71-86), como movimento do que essa autora chama de descoberta da identidade epistemológica do sujeito da formação e no âmbito da qual sintetiza o *ser de experiência*, na complexidade que integra a natureza desse ser, em cuja centralidade dimensiona o que denomina de *ser de carne*, que compõe com outras dimensões – *ser de: atenção consciente, sensibilidade, afetividade, emoções, cognição, imaginação, ação corporal* – a dinâmica integradora de um ser global. Essa *ação corporal* reflete, segundo Delory-Momberger (p.43), uma história singular, um tempo e um lugar vívidos, um olhar inclusive voltado para o próprio corpo, com cuidado com a *postura corporal, roupas, enfeites, modos de ser e agir*.

Esse ser global é um ser de experiência, como pensa Delory-Momberger, não só pelas dimensões subjetivas trazidas por Larrosa e por Josso, referidas nos parágrafos anteriores, mas em razão de que é vital, nessa acepção, explorar o par experiência/sentido, como alerta Larrosa. Esse parece-nos o conceito central da biografização (DELORY-MOMBERGER) e da narrativa de vida (JOSSO). A experiência que tenha sentido para o sujeito da formação só pode ser aquela *que lhe toca* (LARROSA), que lhe proporcione elaborações de *sentir-se ele mesmo* (DELORY-MOMBERGER), que lhe signifique *caminhar para si* (JOSSO).

Essa acepção de experiência com sentido é forjada em um movimento de subjetividades e vivências (DELORY-MOMBERGER) que, constituindo uma relação a si mesmo e à própria existência, não se consubstancia como uma formação no vazio de relações histórico sociais. Ao contrário. Essa mesma autora destaca que a narrativa de si, a narrativa (auto)biográfica, é um processo privilegiado dessas *operações de biografização* porque permite um diálogo interior da pessoa consigo mesma e com os outros. Segundo Delory-Momberger, não obstante a pessoa em processo de biografização ser única – um ser singular, uma individualidade – essa formação se dá, do ponto de vista socioantropológico, em uma dimensão coletiva, sob os aspectos social, institucional, cultural. De igual modo, podemos entender o *caminhar para si*

jossonianos como um processo de *descoberta da identidade epistemológica do sujeito da formação* em busca da compreensão, por ele, da própria existencialidade como fenômeno em evolução, no meio sociocultural, em comunidade, como um fenômeno de construção de si, de *invenção de si*, nas palavras de Josso.

Esses conceitos que tratam da construção de si, desse autoconhecimento, dessa experiência existencial de sentido para o sujeito da formação, tanto na acepção de Delory Momberger, como nos ensinamentos de Josso, têm proporcionado, mediante os seminários por elas criados e desenvolvidos, não só pensar, mas também exercer a educação *desde outro ponto de vista, de outra maneira*, como quer Larrosa.

Intentamos, no presente artigo, salientar como o termo experiência possa fazer sentido como *construtor de si* para professores em formação na universidade, assim como para formadores, em decorrência do entendimento de que, para tanto, se demandam práticas e saberes vivenciais essencialmente relevantes. Portanto, experiência como tema deste artigo veio como uma ideia de abordá-la voltada à compreensão da singularidade-plural da existencialidade do sujeito da formação, ou seja, da existência reflexionada, da vida, em processo de biografização.

Entendemos, pois, possível evidenciar um campo de constructos essencialmente formadores nas áreas de estudo e de práticas de universidades, escolas e outros espaços sociais.

Partindo dessa premissa, pensamos que as experiências contadas/refletidas no mundo da academia perfazem o auto e o heterobiográfico, como experiência socioeducativa que tenha a dimensão de mediação numa perspectiva dialógico-formadora nesse âmbito, com expectativa de multiplicação para comunidades mais abrangentes e diferenciadas do meio social.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Intencionalidade, reflexividade, experiência e identidade em pesquisa (auto)biográfica: dimensões epistemo-empíricas em narrativas de formação. In: BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FERREIRA, Márcia Santos (Orgs.). *Perspectivas epistêmico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica*. Curitiba: CRV, 2016, p.29-50.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Metamemória-memórias: Memoriais Rememorados/Narrados/Refletidos em Seminário de Investigação-Formação. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre. (Orgs.). *Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente*. São Paulo/Natal: Paulus/EDUFRRN, 2008, v. 1, p.153-179.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Construção e Transmissão da Experiência nos Processos de Aprendizagem e de Formação. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; BARREIRO, Cristhianny Bento (Orgs.). *A Nova Aventura (Auto)Biográfica* – Tomo I. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016, p.39-57.

FREITAS, Vera Lúcia Chalegre de. *Dimensões e universo das representações sociais de educação ambiental por discentes em Garanhuns-PE*. Tese (doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008, 199p.

JOSSO, Marie-Christine. Processo Autobiográfico do Conhecimento da Identidade Evolutiva Singular-Plural e o Conhecimento da Epistemologia Existencial. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; BARREIRO, Cristhianny Bento (Orgs.). *A Nova Aventura (Auto)Biográfica* – Tomo I. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016, p.59-89.

LARROSA, Jorge. Algunas notas sobre la experiencia y sus lenguajes. In: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite. *Trajetórias e perspectivas de formação de educadores*. São Paulo: Editora UNESP, 2004, p.19-34.

MARINAS, José Miguel. *La escucha en la historia oral*. Palabra dada. 1 Ed. Madrid: Editorial Síntesis, 2007, 223p.

Recebido em: 21/03/2017.

Aceito em: 13/10/2017.

Vera Lúcia Chalegre de Freitas

Doutora em Educação (UFRN), professora adjunta IV- A da Universidade de Pernambuco (UPE – Campus Garanhuns), em estágio Pós-Doutoral na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e sanduiche (Universidade de Lisboa). Coordenadora do Subprojeto Interdisciplinar Ciências Biológicas e Pedagogia do PIBID/UPE/CAPE. Líder do Grupo Interdisciplinar de Representações Sociais e Formação em Educação e Meio Ambiente - GIRSFEMA/UPE/CNPq. Contato: vera.chalegre@upe.br

Maria Helena Menna Barreto Abrahão

Doutora em Educação UFRGS; pesquisadora 1A CNPq; docente no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Líder do Grupo de Pesquisa Profissionalização Docente e Identidade – narrativas em primeira pessoa (GRUPRODOCI/UFPEL/CNPq), composto de pesquisadores do Brasil e do Exterior. Contato: abrahamhmb@gmail.com